

LITERATURA ANGLO-SAXÔNICA: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

Angiuli Copetti de Aguiar (UFSM)
angiuli_c_a@hotmail.com

1. Introdução

De caráter essencialmente oral, a literatura anglo-saxônica se destaca por ser uma das mais prolíficas e conservadas entre as literaturas dos primeiros povos germânicos. Variando de temas populares a cristãos, sua poesia se mostra única e de um poder inquestionável.

Este trabalho, portanto, tem por objetivo apresentar um breve panorama das literaturas em anglo-saxão, as principais características de sua poesia, sua métrica própria e a sua evolução temática, passando da representação do herói germânico ao monge cristão, e sua importância, tanto como relato histórico, memória de um povo, e fonte de pesquisa para filólogos e historiadores.

2. Panorama geral

Trazida do continente pelos invasores anglos, saxões e jutos, o que marca “o ponto inicial também para a história da literatura inglesa.” (BUNSE, 1983, p. 171), a literatura anglo-saxônica se divide em duas, marcadas por dois períodos muito distintos: a literatura *nacional* e a *cristã*. “*Nacional* é a literatura épico-elegíaca cujos temas são tirados da tradição e da história germânica ou de costume e fatos da vida dos anglo-saxões na Inglaterra” (*Idem, ibidem*), já a *cristã* é as “produções literárias que são inspiradas na *Bíblia*, na tradição eclesiástica e em temas religiosos de origem indubitavelmente cristã” (*Idem, ibidem*), a qual foi muito influenciada pelos monges irlandeses.

Originalmente, a poesia dos anglo-saxões era cantada pelos *sco-pas*, pelos *leodhyrta* e pelos *gleemen*: harpistas, poetas e cantores, “ligado[s] à corte de reis ou de senhores feudais, recitavam histórias dos tempos antigos, provenientes da tradição germânica” (*Idem, ibidem*), e se caracterizava por ser uma “literatura de inspiração pagã, genuinamente nativa e de caráter fundamentalmente germânico” (*Idem, ibidem*), com temas sempre relativos a batalhas, a viagens e ao mar. Após sua catequização, a poesia na Inglaterra passa a ser escrita em monastérios, por monges influenciados pela já clássica literatura latina e pelo sentimentalismo cristão.

As maiores fontes onde foram conservados os versos em inglês antigo são o *Julius manuscript*, o *Beowulf manuscript*, o *Vercelli Book* e o *Exeter Book*, todas obras de monges escribas, escritos por volta do século X.

3. Poesia anglo-saxônica

O verso anglo-saxão original é caracterizado por cada linha ser composta por um dístico, duas meias-linhas separadas por uma *cæsura* (corte), cada qual com dois acentos fortes (*stress*), onde três ou quatro das sílabas acentuadas são aliteradas (*head-rhyme*, em oposição ao tradicional *end-rhyme*). Podemos observar esta construção nas primeiras linhas do épico *Beowulf* (as sílabas fortes estão em negrito e as aliterações, sublinhadas):

Hwæt! **W**e Gardena || in **g**eardagum,
þeodcyninga, || **þ**rym gefrunon,
hu ða **æ**þelingas || **e**llen fremedon.
Of t **s**cyld **s**cefing || **s**ceaþena **þ**reatum,

(BUNSE, 1983, p. 172)

Devido ao uso da aliteração, os poetas precisavam inventar maneiras diferentes de nomear um dado objeto, utilizando metáforas ou *kennings* (figura de linguagem poética que substitui um nome, sendo formado por dois termos): assim “mar se torna caminho do cisne (*swan’s way*) ou estrada da baleia (*whale’s road*) ou a senda da vela (*sail-path*).” (BURGESS, 1917, p. 26)

Esta herança pode ser sentida na fala cotidiana inglesa: “*hale and hearty* (firme e forte); [...] *fit as a fiddle* (em forma como um violino); *a pig in a poke* (gato por lebre).” (BURGESS, 1917, p. 26)

4. *Literatura nacional*

Beowulf, o mais antigo e mais famoso dos poemas épico-heróicos germânicos, marca o início da literatura inglesa. Foi escrito por volta do século X e chegou à Inglaterra com os invasores, sendo sua data de composição e autor desconhecidos, e possui uma extensão de 3.183 linhas.

A história se passa na Dinamarca e no sul da Suécia, o que é “um indício de que os diversos povos germânicos ainda tinham consciência de sua unidade” (BUNSE, 1983, p. 173), e divide-se em duas partes: na primeira, *Beowulf* vai em auxílio a Hrothgar, rei dos daneses, para livrar-lhe de um monstro, Grendel, que assola sua terra, e em seguida, de sua mãe; na segunda, após cinquenta anos de reinado, *Beowulf* salva seu povo de um dragão que devasta o país e termina por morrer envenenado pelo monstro. O poema, então, conclui com seu funeral.

É interessante notar a influência cristã, seja presente desde a concepção do poema ou acrescentada com o tempo, em *Beowulf*: o monstro Grendel é descrito como ‘o inimigo de Deus’, e descendente de Cain (SANDERS, 2004, p. 21).

Beowulf, porém, não possui valor apenas como registro linguístico,

o personagem do herói, as condições sociais apresentadas, e a representação do motivos e ideais que inspiravam as pessoas nas primeiras épocas germânicas faz do poema um dos mais vívidos registros que nós temos da era heroica. (BAUGH; CABLE, 1997, p. 68. Tradução livre)

Além de *Beowulf*, estão conservados outros poemas menores, ou, muitas vezes, apenas fragmentos: *Finnsburh*, cujo “manuscrito [está] perdido e o texto conservado é extremamente falho” (BUNSE, 1983, p. 174), gira em torno de um assalto a um *hall*, onde ocorre uma luta por cinco dias, os defensores podendo resistir por todo o tempo sem perdas, e por fim, um guerreiro ferido leva a notícia da vitória ao rei.

Do poema *Waldhere*, também estão conservados apenas dois fragmentos, mas sua estória, uma lenda medieval, é conhecida através de diversas outras fontes literárias.

Outro poema de grande importância histórica é *Widsith*, relato da viagem de um *scop* (poeta anglo-saxão) desconhecido através de terras desconhecidas e sobre os senhores aos quais serviu. Seu valor histórico se dá por pelo relato de nomes de reis e povos do período anterior às Grandes Migrações.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Considerado “um dos poemas mais humanos da literatura anglo-saxônica.” (BUNSE, 1983, p. 175), *Deor* é uma elegia de lamento de um *scop* após perder as graças de seu senhor, a quem serviu por muitos anos, e se encontrar agora a serviço de um senhor jovem. Sua importância se dá “pelos nomes próprios que podem ser identificados historicamente, o que não mais ocorre nos outros poemas.” (BUNSE, 1983, p. 175)

Outros poemas incluem *The Wanderer*, a respeito de um homem de alta posição, que, após a morte do seu senhor, cai em desgraça e se torna um viajante “por mares, terras e cortes estranhas, sem paz e sem amigos.” (BUNSE, 1983, p. 175). O mar, o vazio e a solidão são temas muito fortes nesse poema; *The Seafarer*, monólogo em que o narrador descreve os perigos e as fadigas do marinheiro e sua atração pelo mar; *The Ruin*, uma reflexão de um poeta sobre uma cidade em ruínas; e *Battle of Brunanburh* e *Battle of Maldon*, ambos em homenagem aos *West Saxons* e *Mercians* após vencerem uma coligação de daneses, escoceses e galeses.

Vê-se em todos esses poemas uma atração forte com temas como o ermo, o frio e o mar, e estórias sobre homens fortes e solitários, reflexo natural das condições dos germânicos que habitavam o extremo norte.

5. Literatura cristã

A literatura cristã inglesa surge no final do século VII, principalmente nas regiões de Northumbria e de Mercia, e se constitui de “traduções e paráfrases de livros do Velho e Novo Testamento, lendas de santos, e poemas devocionais e didáticos” (BAUGH; CABLE, 1997, p. 69).

Os heróis desses poemas já não são os heróis germânicos, mas as figuras bíblicas e os santos; a poesia passou da epopeia bélica dos invasores aos versos líricos cristãos: “a influência do cristianismo celta se fez sentir em certas características que distinguem a poesia cristã: um sentimento pessoal, certa melancolia.” (BUNSE, 1983, p. 178)

O primeiro poeta inglês de quem se tem conhecimento é Cædmon, um irmão leigo do monastério de Whitby, cuja história de como recebeu o dom do canto, que veio a ele em um sonho, e como ele escreveu versos sobre as Escrituras está presente nos escritos do monge Bede (*Historia ecclesiastica gentis Anglorum*) (tido como “o Pai da História Inglesa”):

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nu we sculon herian heonforices weard,
Meotodes mihte and his modgethanc,
Weorc wuldorfaeder; swa he wundra gehwaes,
Ece dryhten, ord onsteolde

Now let us praise the guardian of heavenly
kingdom, the power of the Creator and the
counsel of his mind, the works of the Father
of glory; how he, the eternal Lord, originated
every marvel.

(BURGESS, 1917, p. 28)

Podemos observar nessas linhas a ruptura com a temática germânica pagã e guerreira, mas ainda assim, a presença da métrica tradicional de sua poesia.

Todas as obras de Cædmon são sobre temas bíblicos. São atribuídos a ele os poemas *Genesis*, “tradução para o anglo-saxão da gênese antigo-saxônica” (BUNSE, 1983, p. 179); *Exodus*, sobre o livro bíblico de mesmo nome; e *Daniel*, também versificação do livro homônimo. Outros três poemas menores são: *Fall of the Angels*, *Christ’s Harrowing of Hell*, e *Christ’s Temptation*.

Além de Cædmon, o único poeta anglo-saxão conhecido é Cynewulf. Tido como “o maior poeta cristão da antiga Inglaterra” (BUNSE, 1983, p. 179), escreveu os poemas *Juliane e Elene*, história de santos; *Christ*, que fala do Advento, Ascensão e o Julgamento Final; *The Fates of the Apostles*, que conta sobre as mortes dos apóstolos; *Andreas*, poema a respeito de Santo André, tem um apelo especial ao mar, o que “mostra a fusão do antigo espírito germânico com o cristão” (BUNSE, 1983, p. 179); *The Dream of the Rood*, sonho do poeta sobre a Santa Cruz; entre outros.

6. *Prosa*

Além de uma significativa poesia, a literatura anglo-saxônica conta também com várias obras em prosa, não literárias em um sentido mais estrito, mas históricas, cronológicas e religiosas.

Uma das maiores figuras para a literatura inglesa foi o rei Alfredo, o Grande (871-899), fundador da prosa inglesa, que lutou para restabelecer a Inglaterra como frente da literatura europeia, como havia sido no século VII. Ele intencionou prover ao seu povo livros que ele julgava

bons para seu bem-estar, estudou latim e traduziu, ou encarregou outros de traduzirem, esses livros, dentre eles o guia para o clérigo, *Pastoral Care*, do Papa Gregório, e o *Ecclesiastical History of the English People*, de Bede. Alfredo também iniciou uma compilação dos principais eventos passados e presentes da história inglesa, que continuou por mais dois séculos após sua morte: o *Anglo-Saxon Chronicle*.

Outras figuras da prosa inglesa são Ælfric, que escreveu dois livros de sermões e muitos outros trabalhos, e Wulfstan, com seu apelo a uma reforma política e moral em *Sermon to the English*.

7. Resultados e conclusão

Podemos observar claramente uma ruptura entre a poesia inglesa antes e depois da cristianização dos anglos, sentida principalmente na presença de um lirismo, nos temas cristãos e na influência latina dos textos mais recentes, ausentes na poesia de caráter épico e bélico dos anglo-saxões pagãos.

Da mesma maneira, vemos que mesmo dentro da bem estabelecida tradição literária cristã na Inglaterra do século X, os antigos temas e sentimentos pagãos germânicos ainda sobrevivem, temas como “o banimento, deslocamento, a ruína, o destino (*wyrd*, para os anglo-saxões), solidão e, principalmente, o mar, tão significativa para a história antiga de colonizadores em uma ilha” (SANDERS, 2004, p. 24): a literatura “de temas cristãos contém um traço ou outro de uma filosofia não completamente esquecida” (BAUGH; CABLE, 1997, p. 67), traços característicos de um povo marcado por batalhas e pelo rigor do norte.

Por fim, vemos que a literatura anglo-saxônica, sendo ela tão rica e conservada, além de relato da memória e história de seu povo, serve também como *corpus* de análise para filólogos, linguistas, literatos e historiadores: “quadros e registros gritam seus segredos para os filologistas e contribuem com sua quota de palavras e inflexões para nossos dicionários e gramáticas.” (BAUGH; CABLE, 1997, p. 67)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas, *A History of The English Language*. Londres: Routledge. 1997.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BUNSE, Heinrich A.W., *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: UFRGS. 1983.

BURGESS, Anthony, *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática. 1996.

SANDERS, Andrews, *The Short Oxford History of English Literature*. Oxford: University Press. 2004.